

## Carta sobre Escrita – 32

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Como sabemos, há várias modalidades de texto literário. A poesia, sobretudo a poesia, depois o romance e o conto são aquelas que mais atraem os jovens escritores. É normal. Hoje, porém, trago-vos uma crónica escrita por uma pessoa equipa do EscritaAfricando. Aida Baptista trabalhou como professora de língua e literatura portuguesas em Toronto, no Canadá, e inseriu-se na forte comunidade portuguesa ali residente. Começou então uma colaboração semanal com o jornal luso-canadiano *Milénio Stadium* ([mileniostadium.com](http://mileniostadium.com)). Até hoje. Na edição de 19.7.2024, a crónica publicada é um bom exemplo de escrita literária, não de ficção, mas preservação de memórias que, se não for a escrita a registar, se perderão para sempre. Um texto deste tipo tem múltiplas funções. Uma delas é fazer-nos perceber que a vida é atravessada pela dimensão do tempo: o que é hoje nem sempre foi assim e não é provável que continue a ser como é, pois a mudança é o modo de ser de toda a realidade. A outra é mostrar que a História não é feita só de “grandes nomes”, mas também de pessoas comuns, algumas das quais são ramos e folhas da nossa família. Preservar estas memórias – fazer memória – é também homenagear os homens e mulheres simples que nos precederam e celebrar a vida que, vinda deles, atravessa por nós em direção ao futuro. A Aida Baptista sabe contar e tem vários livros publicados. A ela, a palavra.

### RAIZ DE UMA OLIVEIRA

O maior sedentário é o nómada.  
É ele quem passa a vida à procura de uma casa.

*Joel Neto, Meridiano 28*

*Michael Baptista, filho de imigrantes portugueses, nasceu, cresceu e mora em Kitchner, cidade do Ontário, onde vive uma forte comunidade portuguesa. Em Toronto, frequentou o ensino superior, aí tendo concluído a sua Licenciatura e um Mestrado. Em termos de origens lusas, Michael é o resultado de duas geografias: a Norte, a minhota por parte do pai (Arcos de Valdevez); a Sul, a alentejana por parte da mãe (Domingão).*

*É esta última que me está mais próxima, por se tratar de uma aldeia mesmo à entrada de Ponte de Sor. Nunca dela me tinha dado conta, até ao dia em que li o testemunho com que Michael participou na coletânea “Avós-Raízes e Nós”, sobre a sua avó Florinda.*

*Foi, então, que sempre manifestei o desejo de irmos juntos ao Domingão, assim que ele viesse a Portugal. E, “como o prometido é devido”, pudemos fazê-lo no passado dia 7.*

*Na rua das Hortas, mesmo à beirinha da estrada nacional, lá está a casinha térrea, com uma porta ao centro e uma janela de cada lado, emolduradas de barras em tom ocre. Foi lá que, durante a sua infância, passou férias com os avós maternos, também residentes em Kitchner.*

*Quando lhe perguntei se não se tinha esquecido das chaves, de imediato me respondeu que andam sempre com ele no porta-chaves. Como se quisesse ter sempre consigo a chave de entrada para as suas mais afetivas memórias.*

*Ao longo do percurso da estrada de Abrantes – uma língua de asfalto bem mais larga do que aquela que o Michael tantas vezes percorreu na sua infância – contou-me várias estórias de família, como quem desfia um rosário encadeado das mais variadas contas e mistérios. No entanto, quando meteu a chave na porta a sua expressão mudou. Estampou-se-lhe no rosto a mudez de todas as ausências, como se o luto dos seus mortos continuasse por fazer.*

*Naquela casa humilde, Michael guarda os verões quentes das suas férias de menino, vazios de outras crianças da mesma idade. Rodeado de adultos, conviveu com a ruralidade de um tempo ditado por quotidianos de pobreza que empurrava os mais afoitos para os caminhos da migração e da emigração.*

*Emocionado, foi-me mostrando e descrevendo o passado de cada divisão. À entrada, a sala, onde sobre a mesa pousava um monte de faturas pagas e sobrepostas a denunciar o trabalho de quem mantinha a contabilidade da água e da luz em dia. Do lado esquerdo, o quarto dos avós. Da sala passámos para a cozinha que, apesar de modernizada, conserva a lareira de chão. Ali se acendeu durante anos a sua mais antiga biblioteca, feita de vozes que tanto lhe disseram sobre a ancestralidade de pessoas e lugares, fundidas em realidade e ficção. Ao lado da cozinha, outro quarto, com duas camas: a dos partos e a dos mortos, como lhes chamou. A cama dos partos, porque foi nela que nasceram todos os membros da sua família materna. Encimada por duas barras de ferro, uma delas (a inferior) permanece partida, testemunha viva da força e sofrimento com que se agarravam as parturientes que, sem anestesia epidural, tanto se esforçaram por parir novas vidas. Ao lado, aquela onde, depois de vidas inteiras a lutar pela sobrevivência, todos deram o seu último suspiro.*

*Passámos ao quintal, onde eram bem visíveis alguns ramos tresmalhados a despontar do tronco de uma oliveira. Michael foi à arrecadação buscar um sacho para, com golpes certos, lhes travar o crescimento.*

*Conhecendo-lhe apenas a faceta de cidadão, descobri, naquele momento, a criança que ali vivera e que não perdera o jeito que lhe ficara de andar pelas terras com o seu avô.*

*O Michael pode ter nascido e crescido numa outra longitude, mas, tal como aquela oliveira, as suas raízes ainda moram ali.*

Agosto de 2024

José A. Jana